

Santo Antônio: apenas santo casamenteiro?

Por: Maria Clara Bingemer

Os santos emprestam seus nomes aos dias do calendário, às localidades e a nós mesmos. Sua presença deixa marcas indeléveis na arte cristã. Mas afinal, o que é um santo? Uma possível resposta é que um santo é uma pessoa que levou às últimas conseqüências o mandamento bíblico que diz "Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda tua alma e com toda tua força"(Deut 6,5) Podemos perguntar ainda: como a idéia da santidade se forma na consciência dos crentes? Essa resposta não é simples. Para São Paulo os "santos" eram todos os cristãos batizados. Na segunda Epístola aos Coríntios está escrito:"Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, a Timóteo, irmão, à Igreja de Deus que está em Corinto, assim como a todos os santos que se encontram na Acaia inteira" (2 Cor 1,1 ss).E no final da mesma Epístola se lê:"Saudai-vos mutuamente com ósculo santo. Saúdam-vos todos os santos"(2 Cor 13,12.). Santos eram os cristãos, que se diferenciavam dos pagãos e dos judeus pela aceitação da graça redentora do Cristo Ressuscitado, que lhes assegurava uma nova maneira de viver.

Esse novo "modo de vida santo" entrava em conflito com os cultos religiosos pagãos e com a recusa dos "doutores da lei" do judaísmo em aceitar a divindade e o Senhorio de Cristo. Dentro do contexto histórico-político do Império Romano, ser cristão era correr o risco de ser considerado um "inimigo da lei e da ordem pública", devido à recusa em participar do culto aos deuses de Roma. Ser cristão perante um Estado como o romano, que se proclamava sagrado, era problemático. Mais problemático ainda se considerarmos que o Imperador era venerado como divindade. A vida assumida pelo cristão significava um "renascimento", uma nova vida, marcada por dificuldades, provas e renúncias que, com frequência, o levavam ao martírio e à morte. Uma nova idéia se formou: os cristãos/santos são pessoas que seguiram o mandamento divino de maneira extraordinária, excepcional.

Essa excepcionalidade traz algumas implicações. Normalmente a excepcionalidade é enfatizada sob o ponto de vista ético-moral. Muitas biografias dos santos apresentam-nos como "heróis" de virtude cristã. Esta ênfase pode levar a um mal-entendido, pois o verdadeiro caráter da santidade só pode ser apreendido se distinguirmos claramente a santidade da moralidade. A santidade está para além do mero exercício da virtude, é esse além, é o "mais" que nos leva à esfera do Mistério. Na verdade os "santos não são homens também religiosos, mas unicamente religiosos", e a "aptidão" religiosa dos santos expressa uma incansável busca da perfeição. O objetivo último destes homens e mulheres são as palavras de Jesus no sermão da montanha:"Portanto deveis ser perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito"(Mt 5,48).

A santificação é a extinção, pela graça e na graça de Deus, da ilusória vontade humana. A proximidade de Deus é a característica marcante dos santos, mais do que a atitude ascética e a força de realizar milagres. Como "amigos de Deus" são canais da graça divina para o mundo. Os santos são espelhos da misericórdia divina para o mundo. São espelhos polidos pela intensidade de seu amor a Deus, que não se expressa apenas na vontade do santo de "chegar-se a Deus" mas, mais do que isso, na disponibilidade do santo para extinguir-se em Sua absoluta Realidade. Para Romano Guardini os santos são "testemunhas da

salvação", são homens que penetraram no mistério divino da nova Criação e esta foi neles concretizada. E por isso o fiel, o devoto, procura neles não as grandes personalidades, mas sim testemunhas de Deus".

Apesar da santidade apresentar-se ao mundo como excepcionalidade, o santo é um exemplo de "homem verdadeiro" tendo para a vida cristã um valor modelar. Os santos cristãos não são acima de tudo pensadores, mas sim amantes, pois o caminho da verdade cristã não é fundamentalmente um caminho do conhecimento, mas sim de Amor. A santificação designa um estado da alma, que não é e nem pode ser uma obra da razão humana. As "leis" que regem a santidade nos remetem ao Mistério e ao simbolismo metafísico, e não pertencem ao domínio da ratio, fundamentada na causalidade eficiente. A decadência do Cristianismo na modernidade está menos relacionada com a "ausência de Deus" do que com o sufocamento do simbolismo metafísico, que racionaliza até mesmo o domínio do religioso. Neste contexto, a santidade pode contribuir para uma reaprendizagem do "pensamento do coração", para a intuição intelectual" que não pode ser reduzida a conceituações. A "lógica do coração" é a que corresponde à compreensão religiosa. Pascal foi um dos últimos cristãos que chamaram atenção para essa diferença de princípios quando afirmou:

Assim, quando se trata das coisas humanas, diz-se que é preciso conhecê-las antes de amá-las. Contrariamente, os santos, quando falam das coisas divinas, dizem que é preciso amá-las, para que sejam conhecidas, e que somente através do Amor se penetra na Verdade.

No Brasil, país predominantemente católico, é grande a devoção aos santos. E dentre estes, após a Virgem Maria, a liderança pertence a Santo Antonio, primeiro no coração e no afeto do povo brasileiro. Sua festa se celebra no dia 13 de junho e sua biografia, simples e grande como ele mesmo, nos lembra quem foi este homem de Deus.

Santo Antonio, nasceu em Lisboa, Portugal, em 1195; seu nome de registro é Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo. Entrou aos quinze anos no Colégio dos Cônegos regulares de Santo Agostinho. Em apenas nove meses aprofundou-se tanto no estudo da Bíblia, que foi chamado mais tarde de "Arca do Testamento". Santo Antonio soube, assim, unir e integrar muito bem sua cultura teológica, filosófica e científica.

Em 1220 entrou para a Ordem dos frades Mendicantes de Coimbra, depois que viu os corpos de cinco franciscanos martirizados no Marrocos, onde tinham ido para evangelizar os infiéis. Foi quando assumiu o nome de Antonio Olivares. Contudo, sua decisão de pregar o Evangelho no Marrocos não foi bem sucedida. Durante a viagem pôde ficar naquele país apenas alguns poucos dias, por causa de uma doença que o perseguia, a hidropisia, e um acidente arrastou a embarcação onde estava para as costas da Sicília.

Morou alguns meses em Messina, no convento dos franciscanos, cujo Prior o levou para o Capítulo da Ordem em Assis. Ali ele pode conhecer pessoalmente São Francisco de Assis. Foi designado para a província franciscana da Romagna e viveu a vida eremítica num convento perto de Folí. Foi incumbido das humildes funções de cozinheiro e viveu na obscuridade até que os seus superiores, percebendo seus extraordinários dons de pregador, enviaram-no pela Itália e pela França, a fim de pregar nos lugares onde a heresia dos Albigenses e Valdenses era mais forte.

São Francisco de Assis o chamava informalmente de "o meu bispo". Finalmente Santo Antonio teve morada fixa no Convento de Arcella, a um quilômetro de Pádua. Daí saía para pregar onde fosse chamado. Em 1231, quando sua pregação atingiu o vértice, foi vitimado por uma doença inesperada, que o obrigou a ser levado a Pádua, onde morreu a 13 de junho

de 1231. Tantos foram seus milagres e tal sua popularidade, que foi canonizado no ano seguinte, 1232.

Sua festa litúrgica é celebrada no dia 13 de junho. Santo Antonio é chamado "doutor do Evangelho", pela grandeza com que soube pregá-lo. Tal foi o seu amor ao Filho de Deus feito homem, que a pregação sobre o mistério da Encarnação do Verbo era o ponto mais excelente. Certa vez Antonio recebeu a graça de que o Menino Jesus se colocasse em seus braços. Por isso é assim representado em suas imagens.

Conhecido popularmente como santo casamenteiro, certamente Santo Antonio não se nega a interceder junto ao Senhor pelas jovens que desejam ardentemente encontrar companheiro para suas vidas. No entanto, muito mais que isso, Antonio é o grande pregador do mistério de Jesus Cristo, sendo portanto para todos nós um exemplo a seguir no cotidiano de nossas vidas.